

A ampliação da potência da multidão nos coletivos de trabalho: um diálogo entre a filosofia spinozista e a clínica da atividade

Marianna Araujo da Silva¹

Claudia Osório da Silva²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo trazer algumas pistas de como a metodologia da clínica da atividade, ao intervir nas situações de trabalho, aciona a potência da multidão nos coletivos de trabalho e amplia os recursos para a ação dos trabalhadores no trabalho e na vida, possibilitando uma maior autonomia.

Palavras-chave: clínica da atividade, filosofia spinozista, multidão, coletivo de trabalho.

The expansion of the power of the crowd in work collectives: a dialogue between Spinozist philosophy and the clinic of activity

Abstract: The current paper aims to present some clues on how the methodology of the activity clinic, by intervening in the work situations, triggers the power of multitude in the job collectives, and expands the resources for the action of workers at work and in life, enabling a greater autonomy.

Key Words: activity clinic; spinozist philosophy; multitude; work collective.

Introdução

O presente artigo foi construído visando uma exposição, realizada em junho de 2022, no evento que ocorreu na Universidade Federal Fluminense: a I Jornada de Psicologia Spinozista. Ele tem como objetivo apresentar um diálogo entre a perspectiva teórico-metodológica da clínica da atividade, que tem como foco estudos e intervenções no trabalho, e a filosofia spinozista. E, ainda, explorar caminhos pelos quais o diálogo com a filosofia spinozista pode ampliar as ferramentas dessa metodologia.

Suspeitando que nem todos os leitores conhecem a clínica da atividade, será feita inicialmente uma apresentação dessa metodologia, tratando dos principais conceitos que conversam com a filosofia de Spinoza. Será destacado o modo como essa metodologia visa acionar a multidão nos coletivos de trabalho, com a finalidade de ampliar a ação dos

¹ Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: mariannaaraujo9@gmail.com

² Professora titular do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: claudia.osotio.uff@gmail.com

trabalhadores, no trabalho e na vida, possibilitando uma maior autonomia do coletivo de trabalho assim como de cada trabalhador.

Clínica da atividade: as ferramentas teóricas-metodológicas para intervenção no trabalho

A clínica da atividade é uma perspectiva teórico-metodológica que se insere nas clínicas do trabalho. Nesse campo, há perspectivas diferentes na ação sobre as situações de trabalho, que, no entanto, têm em comum a valorização do debate como meio para a ampliação de recursos para agir no meio do trabalho. As clínicas do trabalho compõem um projeto de estudos sobre diferentes situações de trabalho e setores da atividade que tem por objetivo a produção de saúde. Acredita-se que o trabalho é uma atividade humana que provoca nosso desenvolvimento. Sendo assim, operar sobre o trabalho, em sua transformação, é apostar no desenvolvimento do ser humano e na transformação do trabalho para formas mais dignas e saudáveis nas relações de trabalho.

Entendemos que a clínica da atividade se insere nesse projeto tomando a análise da atividade como instrumento clínico, que possibilita cuidar do trabalho para assim cuidar dos trabalhadores, com o objetivo de compreender diversos fenômenos dos mundos do trabalho e intervir neles³. Essa perspectiva teórico-metodológica se fundamenta na psicologia histórico-desenvolvimentista de Vigotski e na linguística de Bakhtin, por uma via espinosista. A clínica da atividade opera com os conceitos de desenvolvimento e linguagem desses autores. E afirma que é por meio de métodos indiretos e com o protagonismo dos trabalhadores nas análises das situações de trabalho que se cria a possibilidade de aumento dos recursos para agir dos trabalhadores.

O exercício de uma clínica da atividade supõe a instalação de um dispositivo desenvolvimental: a organização de uma atividade de análise do trabalho se superpõe à atividade ordinária que se pretende desenvolver. Já que os processos de desenvolvimento dos meios para a ação “não são diretamente observáveis, utilizam-se métodos indiretos de análise. Trata-se de produzir e analisar “marcas do trabalho”, que podem ser, por exemplo, vídeos ou fotografias dos trabalhadores em atividade”.⁴

³ Clot, Y.; Lhuillier, D. *Perspectives en clinique du travail*. Paris: Érès, 2015.

⁴ Osorio da Silva, C. “Pesquisa e intervenção em clínica da atividade: a análise do trabalho em movimento”. In: Bendassolli, P. e Soboll, L. (Orgs.). *Métodos de pesquisa e intervenção em psicologia do trabalho*. São Paulo: Atlas, 2014, p. 88.

O conceito de atividade é central nessa metodologia e nos fiamos que um diálogo com a filosofia espinosista poderá proporcionar seu desenvolvimento.

Nessa concepção, a atividade é dirigida e mediatizada por instrumentos, sejam eles psicológicos (a linguagem) e/ou técnicos, produzindo um mundo, um modo de existir. Assim, podemos afirmar que a atividade é a questão central do desenvolvimento das funções psíquicas, sendo triplamente dirigida.

Isso não impede que a atividade de trabalho se veja assim duplamente dirigida. Mas é preciso ir um pouco mais longe: ela é triplamente dirigida e não de modo metafórico. Na situação vivida, ela (a atividade) é dirigida não só pelo comportamento do sujeito ou dirigida por meio do objeto da tarefa, mas também dirigida aos outros depois de ter sido destinatária da atividade destes e antes de o ser de novo. Ela é sempre resposta à atividade dos outros, ecos de outras atividades. Ocorre numa corrente de atividades de que constitui um elo. No terceiro sentido do termo, o trabalho é portanto ainda uma atividade dirigida: atividade dirigida pelo sujeito, para o objeto e para a atividade dos outros, com a mediação do gênero. Por esse motivo, pode-se dizer que a atividade dirigida é unidade mais ínfima do intercâmbio social que realiza o trabalho. A palavra dirigida conserva aqui três sentidos diferentes na mesma significação, indicando com isso as dissonâncias que animam essa “unidade”.⁵

Entre o prescrito da tarefa e a atividade realizada, há um trabalho de aproximação, um retoque feito pelo trabalhador que pode seguir múltiplas vias. A atividade é sempre conflito entre várias atividades possíveis. O que o trabalhador realiza efetivamente é apenas uma pequena parte das possibilidades de uma situação; o profissional faz escolhas dentre as diversas possibilidades.

As escolhas, bem como a avaliação e o desenvolvimento de condições para colocá-las em prática, contam com um estoque coletivamente produzido, que está disponível para todos, nomeado gênero da atividade profissional. No trabalho se dá a construção coletiva de recursos para ação, constituindo-se o gênero da atividade. O gênero auxilia àqueles que compartilham da história comum de um ofício, possibilitando que se entendam entre si e com seus interlocutores.

O trabalhar é sempre coletivo, mesmo que se realize por um único trabalhador. Toda atividade de trabalho pode ser entendida como um encontro entre corpos, atravessamentos múltiplos que se agenciam, se interconectam, demandando escolhas e decisões e tornando todo trabalho uma atividade de criação. Mais do que um mero executor de tarefas, o trabalhador constitui sua atividade e é

⁵ Clot, Y. *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 97.

constituído por ela, sendo ao mesmo tempo produtor e produto, estando presente a capacidade de afetar e de ser afetado.⁶

O real da atividade é maior que a atividade realizada, ou seja, é maior que a atividade que vence dentre tantas outras possíveis. A noção de real da atividade abarca tudo que se coloca para realizar tal escolha, incluindo as possibilidades não realizadas, os valores, os pensamentos, os diálogos realizados consigo mesmo e com seus pares.

Observa-se, nesse processo, a variação de seus funcionamentos de um contexto a outro, o que é muito importante para o desenvolvimento. Ao atravessar uma diversidade de contextos, a atividade não se repete. Os diferentes contextos para a atividade constituem o meio de uma repetição sem repetição que nutre o funcionamento e auxilia o indivíduo no poder de aumentar os recursos para agir no trabalho e na vida. A variação de contextos é, então, um dos princípios do desenvolvimento da atividade; quando a atividade passa por uma pluralidade de contextos, o indivíduo é capaz de explorá-los, de tomar a iniciativa de transformar as ações em função da experiência adquirida em outro – é um movimento de transformar a atividade vivida em uma atividade a ser vivida com outras possibilidades.

Segundo Clot⁷, a multiplicação dos contextos é decisiva para a vitalidade do indivíduo e do seu coletivo. É nesse movimento, nesse entrecruzamento das singularidades, nos processos de singularização, que se produz o comum. Nós, como seres sociais, produzimos o comum nesse encontro das singularidades, e como somos multidão, produzimos o comum como multiplicidade. Multiplicidade como o entrecruzamento dinâmico, conflitual e vivo das diferentes singularidades. Compreende-se, então, que a atividade é a passagem do vivido para o vivo.

Entre a experiência que temos e a experiência que fazemos, há uma imensidão de coisas que compõem essa passagem, sendo o corpo capaz de ser afetado de diversas maneiras por registros variados, aumentando ou diminuindo a potência de agir. O afeto desenvolve a passagem de um estado a outro, devido a uma variação correlativa dos corpos que afetam e são afetados.

⁶ Osorio da Silva, C.; Barros de Barros, M. “Oficina de fotos: um método participativo de análise do trabalho.” In: *Universitas Psychologica*. Bogotá: vol. 12, nº4, pp. 1326-1327. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy12-4.ofmp>.

⁷ Clot, Y. *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefacum, 2010.

O afeto é definido por Spinoza⁸ como a variação da potência que envolve o corpo e a mente; não havendo separação entre corpo e mente. Refere-se a transições a que estamos sujeitos na experiência de contato com a exterioridade que modificam o corpo e estão intrinsecamente ligados à noção de duração (postulados, *Ética III*).

Segundo Spinoza, na proposição 38, da *Ética IV*, é útil ao homem aquilo que dispõe o seu corpo a poder ser afetado de muitas maneiras e afeta outros corpos de muitas maneiras⁹. Então, quanto mais o corpo se torna capaz de afetar e ser afetado, mais a mente se torna capaz de perceber as coisas, tanto mais útil quanto mais pode tornar o corpo capaz disso (demonstração, proposição 39, *Ética V*). E é nesse movimento de afetar e ser afetado que o corpo assume outras formas. Ou seja, como dizemos na clínica da atividade¹⁰, a experiência vivida é meio de viver novas experiências.

Compreende-se o aumento da vitalidade do corpo, quando há aumento da potência e uma passagem da passividade para a atividade, ou seja, na linguagem spinozista, o afeto torna-se ativo. Há uma expansão do território de ação do corpo e da mente no mundo, para que possa caminhar em direção a uma autonomia maior. Há atividade quando há capacidade normativa, sendo o corpo capaz de afetar e ser afetado de diversas maneiras. Com o conceito de atividade que afirmamos, podemos compreender a clínica como um dispositivo para criar condições para se colocar em diálogo a atividade de trabalho situado¹¹ por meio de métodos indiretos, possibilitando que se produzam, na vida, novos modos de ser e agir. É criar possibilidades ao corpo de afetar e ser afetado de diferentes maneiras. No evento compartilhado, o afeto multiplica a vida em outras vidas possíveis.

O processo de afetar e ser afetado, o movimento dos corpos que transforma a multiplicidade das singularidades, é fonte do desenvolvimento do indivíduo. É na relação entre as diferentes singularidades que se estabelece esse ser-multiplicidade. Desenvolvem-se as singularidades, a diferença, a resistência. É na realização do *conatus*, do perseverar no ser.

Spinoza afirma, no *Tratado Político*, II, 13 que

Se dois se põem de acordo e juntam forças, juntos podem mais, e consequentemente têm mais direito sobre a natureza do que cada um deles

⁸ Spinoza, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª edição, 2014.

⁹ *Ibidem*, p. 182-183.

¹⁰ Clot, Y. “Clinique, travail et politique”. In : *Enjeux politiques du travail*. Paris: Revue Travailler, vol. 2, n°. 36, 2016, pp. 91-106.

¹¹ Fala-se em trabalho situado, pois dentro da perspectiva na qual atuamos, compreendemos que as intervenções realizadas estão circunscritas num tempo-espaço, que há um processo, uma história do trabalho também que o modifica e o constrói.

sozinho; e quanto mais assim estreitarem relações mais direito terão todos juntos¹².

É mais vantajoso para a existência dos seres que eles estejam juntos, busquem o que é de utilidade comum para todos, nesse sentido, é mais vantajoso compor em coletivo do que estar só nessa existência.

De acordo com Negri¹³, a conclusão spinozista da ética, do ponto de vista político, é “a construção do comum” – sendo esse comum o que nos fortalece para enfrentarmos os acontecimentos da vida, entendendo os acontecimentos como aquilo que se refere ao imprevisível da vida.

Segundo Clot¹⁴, o coletivo se constrói na voz comum, no desenvolvimento da garantia comum, da responsabilidade compartilhada no ato. A construção do comum se refere às regras que vão sendo construídos pelo coletivo para que possa se perseverar na vida, produzir saúde. Pensar uma voz comum nos leva a conceitos-ferramenta que tratam da linguagem no trabalho, como construção coletiva. A clínica da atividade toma os conceitos de gênero e estilo, da linguística de Bakhtin, e os desenvolve.

Avançando no diálogo proposto, pensamos o gênero de atividade profissional como entrecruzamento de singularidades diversas formando uma base para a ação, um estoque de recursos dos quais dispomos para agir¹⁵. Observamos então um processo de estilização, em que os entrecruzamentos vão se modificando, se criando e recriando, ampliando. Aumentando-se o raio de ação, ampliando o poder de agir no trabalho, na vida. Conserva-se, nesse processo de estilização, a vitalidade da multidão.

A multidão se constitui no processo de singularização que perpassa pela construção do comum no coletivo. O coletivo é como nós, um corpo que é composto por singularidades e multiplicidades. O corpo é o entrecruzamento das singularidades e multiplicidades, é multidão. O corpo é multidão e conserva nele a singularidade.

A multidão é movimento, potência, produção e produtora. A multidão é a multiplicidade singular que age, se orienta para a vida. A força da multidão está nas singularidades que se encontram em cooperação para além do mensurável. É analisando a cooperação que podemos descobrir que o todo das singularidades produz além da medida, a multidão é a multiplicidade singular de auto-organização que busca transformar

¹² Spinoza, B. *Tratado Político*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 10.

¹³ Negri, A. “Para uma definição ontológica da multidão” In: *Modulações da Resistência*. Rio de Janeiro: Lugar Comum, nº 19-20, 2004, pp. 15-26.

¹⁴ Clot, Y. Op. Cit., 2010.

¹⁵ Ibidem.

o corpo em novas formas de vida. Assim, a multidão é sujeito e produto da prática coletiva. Produção de subjetividade, compreendendo-a como produção que o sujeito faz de si mesmo e, simultaneamente, produção de consistência da multidão.

É na relação com o vivo em ato que se transformam as experiências vividas e se serve delas para se viver novas experiências. É na potência do acontecer, no devir do presente, do acontecimento, que acumulo experiências, crio estoques de ações, aumento minha percepção, meu poder de agir. Isso é atividade. É o indivíduo ativo e produtor de saúde.

Um indivíduo assim composto conserva, além disso, sua natureza, quer se mova em sua totalidade ou esteja em repouso, quer se mova nesta ou naquela direção, desde que cada parte conserve seu movimento e o transmita às demais, tal como antes. (lema 7, proposição 13, *Ética II*) [...] Vemos, assim, em que proporção um indivíduo composto pode ser afetado de muitas maneiras, conservando, apesar disso, sua natureza. Até agora, entretanto concebemos um indivíduo que se compõe tão somente de corpos que se distinguem entre si apenas pelo movimento e pelo repouso, pela velocidade ou pela lentidão, isto é, o que se compõe de corpos mais simples. Se, agora, concebemos um outro indivíduo, composto de vários indivíduos de natureza diferente, veremos que também pode ser afetado de muitas outras maneiras, conservando, apesar disso, a sua natureza (escólio, proposição 13, *Ética II*)¹⁶.

Digo, porém, que, em geral, quanto mais um corpo é capaz, em comparação com outros, de agir simultaneamente sobre um número maior de coisas, ou de padecer simultaneamente de um número maior de coisas, tanto mais sua mente é capaz, em comparação com outras, de perceber, simultaneamente, um maior número de coisas (corolário, proposição 13, *Ética II*)¹⁷.

Segundo Negri, Fonseca e Cocco¹⁸, a multidão tem três características. A primeira se refere ao conjunto de singularidades, a multidão dos corpos, corpo como trabalho vivo, expressão e cooperação da construção do mundo, da história. A segunda refere-se à multidão como produção e objeto da exploração sofrida por esse corpo do trabalho vivo. A terceira é a multidão como potência expressa pelo conjunto da multiplicidade das singularidades. A potência está na afirmação da diferença.

A multidão como conjunto de singularidades é capaz de estabelecer o máximo de mediações possíveis e soluções de compromisso consigo mesma desde que sejam mediações emblemáticas do comum operadas pela linguagem. É na linguagem que

¹⁶ Spinoza, B. Op. Cit., 2014, p. 65.

¹⁷ Ibidem, p. 61-62.

¹⁸ NEGRI, A.; FONSECA, T.; COCCO, G. O comum: dos afetos à construção de instituições. In: Uninômade Brasil. 2013. Disponível em: <<https://uninomade.net/tenda/1948/>>. Acesso em: 10 de novembro de 2018.

compartilhamos as experiências e construímos um projeto comum. É preciso que o corpo seja afetado e tenha a capacidade de afetar de diversas maneiras simultaneamente para que ele possa produzir ações de maneira autônoma. A liberdade é essa variação afetiva. Quanto maior a plasticidade do corpo, maior seu poder de singularização, quanto mais múltiplo, mais o corpo age com autonomia. A multidão é um processo estrutural no qual as singularidades se relacionam umas com as outras, desenvolvendo outras singularidades, se diferenciando, resistindo e conservando a vida. Podemos dizer, então, que a multidão é uma força instituinte, no sentido de que é uma potencialidade de processos de criação e recriação que provocam transformações e perseverança na vida.

Estabeleceremos um diálogo entre a construção do corpo multidão com o conceito de ofício da perspectiva da clínica da atividade¹⁹. Segundo essa perspectiva, o ofício é, ao mesmo tempo, impessoal, transpessoal e interpessoal, sendo conflito entre essas instâncias. O impessoal é aquilo que diz respeito à tarefa, enquanto o transpessoal concerne ao gênero profissional, a memória coletiva. Esses são entendidos como instrumentos da atividade. A instância interpessoal se refere à relação entre os pares, na observação de como os demais trabalhadores mais antigos na função fazem diante dos imprevistos, e a pessoal, à dimensão das experiências do sujeito com diferentes gêneros de atividade. Clot²⁰ afirma que estas duas últimas são forças instituintes do coletivo de trabalho no processo de criação e recriação, tensionando o instituído, reconfigurando-o. As forças instituintes - a multidão - são potencialidades de processos de criação e recriação que provocam transformações.

Podemos afirmar, então, que as instâncias do impessoal e do transpessoal são instrumentos que possibilitam a formação da multidão, das forças instituintes que, por sua vez, modificam essas instâncias. Esse movimento que caracteriza o ofício e equipa a atividade, que, no encontro com o real, traz novas ferramentas, novos conceitos, novos gestos e modificam o ofício, criam novas regras. É um ciclo virtuoso. Tal movimento revela o conceito de atividade dirigida ao outro, aos instrumentos, e como afeto, pois são os afetos que engendram essa movimentação. É a capacidade de afetar e ser afetado, a multiplicação de contextos, que possibilita o desenvolver-se: “[...] se desenvolver é tirar aquilo que envolve”.²¹

¹⁹ Clot, Y. Op.Cit., 2010.

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem, p. 93.

As quatro instâncias do ofício estão relacionadas com as noções de trabalho coletivo, coletivo de trabalho e multidão. Afirma-se que as instâncias impessoal e transpessoal estão atreladas à noção de trabalho coletivo, que é o conjunto de tarefas (impessoal) e o repensar junto à atividade conjunta (transpessoal), ou seja, a cooperação como instrumento para instaurar uma atividade responsável, criando uma memória que não pertence a ninguém e é de todos. A função do trabalho coletivo é a de permitir o acesso ao instrumento genérico no decorrer da atividade, ou seja, ela está disponível à atividade de cada um no decorrer da ação. Cada um dispõe, à sua maneira, do gênero profissional disponível segundo as circunstâncias únicas da ação real. E é a partir desse acesso ao genérico por meio da cooperação que se torna possível a construção do corpo multidão, das forças instituinte, do coletivo de trabalho.

Podemos observar que o coletivo aparece duas vezes no desenvolvimento da atividade individual, como recurso para ação – uma referência ao trabalho coletivo – e como instrumento para a nossa ação e fonte no plano do coletivo de trabalho, sendo este último aquele que reorganiza o trabalho coletivo por meio da história comum, do diálogo entre os pares. O coletivo de trabalho é meio de desenvolvimento de cada um ao se apropriar da história comum. Assim, a cooperação é um instrumento de recriação na ação e pela criação de repertórios para o trabalhador agir em seu trabalho que não pertence a ninguém, pertence ao corpo coletivo de trabalho. Afirma-se que há vitalidade no ofício a partir do momento em que é possível que o trabalho coletivo se torne coletivo de trabalho, dialogando com Spinoza, que se produza um comum e se fortaleça para se perseverar na vida. Essa vitalidade se constitui por meio dos afetos, do deixar afetar e ser afetado, pela multiplicidade de contextos. Afetos que possibilitam a transformação das experiências vividas e sedimentadas para viver novas experiências. Um trabalho coletivo ativo que utilize as experiências vividas como recurso para construir novas maneiras de agir no trabalho. O trabalho coletivo em curso é o de um coletivo de trabalho inscrito na história e capaz de orquestrar a atividade, ou seja, quando é uma força instituinte, quando aciona a multidão dos corpos.

Compreendemos que é no fazer juntos, no compartilhamento, que conservaremos a vitalidade do ofício, do trabalho coletivo e do coletivo de trabalho. Em suma, a vitalidade da atividade. Compartilhamento esse que se refere à responsabilidade do ato ou da palavra que não é individual e sim coletiva, que garante a capacidade de escolhas pelos sujeitos e pelos coletivos. Compartilhar que está inscrito nesse movimento afetivo que pode ser tanto ativo quanto passivo. Precisamos estar atentos aos movimentos para

que se possa oferecer instrumentos, recursos para manter a vitalidade da atividade e não seu necrosamento.

Podemos nos referir à ação no ambiente de trabalho, o gesto realizado do trabalhador é uma ação coletiva e individual. Coletiva porque, ao executá-lo, se realiza um diálogo interno com o interlocutor comum – o coletivo de trabalho – refletindo se ao realizar tal gesto está respaldado pelo coletivo; individual por se assumir uma liberdade no gesto, colocando um pouco de si nela, retocando-a.

Seguindo esse entendimento, a perspectiva da clínica da atividade em suas intervenções visa ao fortalecimento do coletivo de trabalho por meio da instauração de um instrumento que possibilite o diálogo sobre o trabalho em que os trabalhadores são os protagonistas da análise. Daremos um exemplo de intervenção para explicar.

No método da clínica da atividade, visamos prover os trabalhadores de novos destinatários, novos objetos, para propiciar esse movimento de uma experiência vivida que possibilite viver novas experiências. O método propicia que os trabalhadores falem sobre sua experiência de trabalho com seus pares e, muitas vezes, o compartilhar, o diálogo sobre o trabalho faz com que a maneira de fazer do colega de trabalho torne-se sua. Criam-se nesse encontro novas normas para o trabalho bem feito²². Visa-se ao protagonismo dos trabalhadores, afinal a análise da atividade se faz com os trabalhadores.

Em nossas experiências com a metodologia, observamos isso, seja no uso do método da autoconfrontação cruzada ou instruções ao sócia ou a Oficina de Fotos²³, seja por meio de entrevista, ouvindo a experiência dos trabalhadores de como isso ocorre no trabalho deles. Todos eles são mediados pela linguagem.

A constituição do coletivo multidão nas intervenções em clínica da atividade: a experiência de Oficina de Fotos com residentes da enfermagem obstétrica

A intervenção que apresentaremos ocorreu em 2014, com residentes da enfermagem obstétrica (REOs), da Universidade Federal Fluminense, proposta, na época,

²² O trabalho bem feito é o reconhecimento feito pelo trabalhador do seu próprio trabalho. Quando o trabalhador se reconhece no seu trabalho. Como diria Clot (2013), quando ele consegue deixar sua assinatura no seu trabalho.

²³ Osorio da Silva, Claudia. “Pesquisa e intervenção em clínica da atividade: a análise do trabalho em movimento”. In Bendassolli, Pedro e Soboll, Lis (Orgs.). *Métodos de pesquisa e intervenção em psicologia do trabalho*. São Paulo: Atlas, 2014, pp. 81-100.

pela doutoranda Karla Maria Neves Memória Lima, que utilizou como método clínico a Oficina de Fotos²⁴. Nesse método, as imagens produzidas pelos próprios trabalhadores compõem um registro da atividade que faz a mediação do diálogo dos trabalhadores com seu objeto de trabalho, dos trabalhadores consigo mesmos, entre eles e com o clínico ou clínica.

A intervenção gerou duas teses: *Tecendo a atividade plural: ressonâncias entre a noção de poder de agir e a formação de Residente em Enfermagem Obstétrica*²⁵ e *Confiança e Autonomia: a circulação de afetos na produção de coletivos autônomos. Uma intervenção em clínica da atividade em um grupo de residência de enfermagem no Rio de Janeiro, Brasil*²⁶.

No debate das fotos, observa-se o compartilhamento, entre as residentes, de sentimentos e pensamentos que permitem a construção de um projeto comum, que asseguram a possibilidade de agir diante de dificuldades. Essa partilha com os pares torna possível a criação de um coletivo de trabalho. Observa-se que quando o coletivo se torna autônomo na construção conjunta de recursos para agir no trabalho, isso permite que cada residente seja autônoma na sua atividade, sendo capaz de recriar ou ampliar suas ações no encontro com as adversidades, no encontro com as singularidades múltiplas.

Dois momentos relatados pelas enfermeiras nos chamaram a atenção, ilustrando bem o que queremos apresentar para nossa reflexão.

Um deles se referiu a um momento do debate em que as residentes estavam tentando categorizar as fotos e ao começarem a apontar as fotografias que lhes davam a sensação de reconhecimento e gratidão. Começaram a falar de como, ao final do parto, sentiam a necessidade de agradecer à mãe e sua família por terem permitido a presença delas, o auxílio delas nesse momento tão íntimo que é o nascimento do filho, e como a confiança que depositaram no trabalho delas faz com que se sintam reconhecidas. As residentes trabalham em dupla. No meio desse debate, uma das residentes lembrou-se de um parto específico em que ela e sua colega foram até o quarto de uma parturiente fazer

²⁴ Osorio da Silva C.; Barros de Barros, M. “Oficina de fotos: um método participativo de análise do trabalho.” In: *Universitas Psychologica*. Bogotá: vol. 12, nº4, pp. 1325-1334. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy12-4.ofmp>.

²⁵ Lima, K. M. N. M. *Tecendo a atividade plural: ressonâncias entre a noção de poder de agir e a formação de Residente em Enfermagem Obstétrica*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2017 (tese de doutorado).

²⁶ Silva, M. A. *CONFIANÇA E AUTONOMIA: a circulação de afetos na produção de coletivos autônomos. Uma intervenção em clínica da atividade em um grupo de residência de enfermagem no Rio de Janeiro, Brasil*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2019 (tese de doutorado).

o acompanhamento do parto e a parturiente solicitou que elas ficassem ali e não saíssem. A mulher, então, falou da necessidade que ela estava de se deitar no chão. As residentes responderam que ela poderia obedecer ao que o corpo dela pedia e se deitar no chão. Uma das residentes se deitou ao lado dela, abraçou-a e ficou ali com ela. A parturiente disse que estava bem e pôde finalmente conversar com seu bebê, dizendo que ele poderia nascer. A enfermeira e a parturiente ficaram um tempo abraçadas, posição mais confortável para a mulher assistida, até que chegou a hora do bebê nascer com a assistência adequada.

Verifica-se nesse relato a confiança da mãe na residente, no trabalho dela, assim como a confiança da residente no seu próprio trabalho, pois o que aconteceu naquele espaço diz respeito a um evento fora de regra, do prescrito, uma ação inscrita no inusitado do trabalho. Aquele gesto de abraçar a parturiente só pôde ser realizado tendo em vista o entendimento da equipe de enfermagem e da residência daquele hospital, de que o parto humanizado prioriza o protagonismo da mulher-parturiente no parto; e de que o objetivo da residente-enfermeira é acolher o desejo da mulher e deixá-la confiante e confortável, da melhor forma possível, para parir seu bebê.

Seguindo esse mesmo olhar para o inusitado da atividade, há outra cena relatada por elas.

No outro, uma residente estava realizando um parto e a médica pediatra chegou no quarto. A enfermeira diz que seu pensamento, no momento em que o bebê chegava, era de que a pediatra iria pegar rapidamente o bebê para fazer os procedimentos necessários. Em um diálogo virtual consigo mesma, a residente se recorda a posição, predominante entre médicos obstetras, de considerar que esse é o melhor procedimento técnico, enquanto a equipe de enfermagem obstétrica afirma que há um tempo do parto, que é mais longo e deve ser respeitado. A enfermeira, com o objetivo de prolongar esse momento mãe-bebê, “dá uma mexida no ombro tampando a visão da médica” e alargando esse momento que, no entendimento do coletivo da enfermagem, é importante para a relação mãe-bebê.

Esses dois gestos que relatamos, realizados pelas residentes, podem ser interpretados como transgressões ao prescrito, ações que estão fora do prescrito. No entanto, verifica-se que esses gestos, ao serem relatados na Oficina de Fotos, apesar de inusitados, não são questionados pelas outras enfermeiras. Compreende-se que isso ocorre porque há um respaldo no coletivo de trabalho para a realização dos gestos inusitados ante os imprevisíveis do trabalho, de maneira a fazer valer o objetivo do

acompanhamento do parto que elas acreditam ser o ideal, que pensam ser da ordem do trabalho bem feito²⁷. São gestos que nos possibilitam ver a autonomia delas no trabalho pelo coletivo; quando o trabalhador coloca algo seu, singular, no trabalho. Ele se sente bem quando deixa a sua marca no trabalho. Nesse sentido, as residentes lançam mão de gestos e técnicas, construindo outros modos de nascer. Esses gestos falam dos subtendidos da atividade, da memória do coletivo, da força do coletivo que dá segurança para a enfermeira executar esse gesto.

O afeto de segurança (definição dos afetos, 13, *Ética III*), segundo Spinoza²⁸ (2014), “é uma alegria surgida de uma ideia de coisa futura ou passada, da qual foi afastada toda causa de dúvida”.

Entende-se que esse afeto circula no diálogo entre as enfermeiras, quando elas falam sobre certos gestos que executam e são apoiadas no coletivo de trabalho, que lhes permite executar tal gesto sem qualquer medo ou dúvida de agir dessa maneira. Então, é apoiado nesse afeto que o coletivo de trabalho se constrói para respaldar as ações futuras. O coletivo de trabalho se desenvolve em função das trocas exteriores no trabalho coletivo. A ação é sempre aumento de potência de existir que conserva o coletivo de trabalho atuante no trabalho coletivo. Pensar esse que se constitui com o outro, no encontro com o outro. Refere-se a uma ética que orienta a ação para bens comuns, a uma política que busca mecanismos pelos quais os corpos singulares possam compor juntos um poder comum. E é nesse poder comum que a multidão persevera no ser e cria o bem-estar comum, que são as forças primordiais que sustentam a possibilidade de democracia, de acordo com Hardt e Negri²⁹. A potência do conhecer está relacionada aos afetos ativos e aos afetos alegres. Pode-se afirmar que discutir sobre o trabalho, sustentar o conflito das singularidades-múltiplas ali existentes, desenvolve o indivíduo e o coletivo, promove conhecimento sobre si, sobre o outro e sobre a atividade ali engendrada.

O diálogo sobre o trabalho possibilita tornar-se ativo (atividade), constituir coletivos com o objetivo de tomar liberdade, ser autônomo na atividade como a concepção ético-política que norteia as metodologias e intervenções em clínica da atividade.

²⁷ Clot, Y. “O ofício como operador de saúde”. In: *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. São Paulo, vol. 16, nº especial 1, 2013, pp. 1-11.

²⁸ Spinoza, B. Op.Cit., 2014., p. 144.

²⁹ Hardt, M.; Negri, A. *Bem-estar comum*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

O movimento de fazer coletivo é um movimento instituinte, pois recorre à memória das regras de ofício, regras para se agir no trabalho, que são permanentemente construídas e reconstruídas, em um processo de organização que se modula, que se modifica de acordo com as necessidades, os acontecimentos, os encontros. É em movimento, em diálogo, que os coletivos – e cada trabalhador – podem cultivar um devir ativo. E acreditamos serem mais potente os afetos quando multiplicando seus objetos, seus destinatários para outros afetos possíveis.

Reflexões

Na proposição 39 da *Ética V*, Spinoza afirma que quanto mais o corpo é capaz de fazer muitas coisas, mais forte, mais potente é esse corpo, dependendo do grau em que se der esse aumento de potência, mais forte é o corpo para perseverar no ser e criar novos modos de agir e ser³⁰.

Spinoza amplia essa ideia ao afirmar que na união de forças pode-se evitar os perigos que ameaçam por toda parte; assim se forma a multidão e o homem encontra maior utilidade em reunir suas forças, ao descobrir as vantagens na vida social e política. No escólio da proposição 38, da *Ética IV*, afirma que “Nada é mais útil ao homem do que outro homem”³¹. Quando os homens descobrem as vantagens da união de forças, não fazem pactos nem contratos, mas formam multidão, formam um corpo político. Corpo esse que é mediado por instrumentos como a linguagem. Entendendo que é na troca, no compartilhar as experiências no debate sobre o trabalho, que o trabalhador supera suas limitações e desenvolve seus recursos para agir no trabalho, aumentando as forças individuais e também a força do corpo coletivo. Ou seja, fortalece-se a luta pelo comum, na concórdia de se afastar daquilo que é capaz de destruir e se aproximar daquilo que potencializa. No processo da luta pelo comum, os indivíduos percebem que os demais homens são também causa de sua alegria, pois é o esforço de todos juntos que cria condições de conservação das potências singulares.

A formação da conveniência entre os indivíduos, resultado do auxílio mútuo, é capaz de provocar neles a experiência daquilo que lhes é comum. Ao compartilhar com

³⁰ Ibidem, p. 235.

³¹ Ibidem, p. 183.

os pares as dificuldades, e os conflitos, criam-se para todos, novas maneiras de resolvê-los, que sejam convenientes para todas as partes, ampliando o poder de agir de todos. Seguindo Spinoza³², no parágrafo 14, do capítulo 9, do *Tratado Político*, o autor afirma que “os engenhos humanos são demasiados obtusos para que possam compreender tudo de imediato, mas consultando, ouvindo e discutindo que se aguça e encontram o que querem que todos aprovam e que ninguém tinha pensado antes”³³, privilegiando a potência da multidão e o bem comum. Acreditamos que ao criar um dispositivo em que é possível falar sobre o trabalho, sobre os conflitos, as tensões, as maneiras de fazer, se desenvolve o coletivo de trabalho, acionando a multidão.

É na relação social, é no encontro com outros corpos, que produzimos multidão; e nos aliamos a isso para perseverar no ser de maneira mais forte, mais potente. É em diálogo que ampliamos nosso conhecimento e descobrimos ou encontramos melhores soluções ante os inesperados do cotidiano. É na vida em ato que encontramos recursos para ampliar o poder de agir.

É importante frisar que essa experiência – de construção do comum – é possibilitada pela análise da atividade no trabalho situado. A análise da atividade possibilita o diálogo entre os pares sobre ela e coloca em análise os processos, os afetos, tornando possível o desenvolvimento do corpo-multidão, do corpo-coletivo. A atividade é um processo afetivo que envolve a semelhança e a diferença entre os indivíduos e a conveniência das potências individuais e coletivas. Nesse processo, há caminhos e descaminhos, há concórdia e discórdia a que as soluções encontradas são aquelas que fazem a potência do coletivo existir, perseverar na vida.

Como observou-se no exemplo de intervenção em análise do trabalho que compartilhamos nessa apresentação, o afeto circula no diálogo possibilitando que certos gestos que executam sejam apoiados pelo coletivo de trabalho. O que lhes permite executá-los sem qualquer medo ou dúvida de agir dessa maneira. O coletivo de trabalho se desenvolve em função das trocas exteriores no trabalho coletivo. A ação é sempre aumento de potência de existir, que conserva o coletivo de trabalho atuante no trabalho coletivo.

É na ação conjunta de perseverar no ser, por meio da luta comum pelo trabalho bem feito, que se aciona a multidão, fortalecendo o coletivo de trabalho que possibilita a

³² Spinoza, B. Op.Cit., 2009.

³³ Ibidem, p. 126.

autonomia coletiva do indivíduo no seu fazer no trabalho. A ação, então, é possibilitada pelo acionamento do corpo multidão, que se torna interlocutor da ação individual, em que ela não é só individual como também coletiva. O corpo multidão é acionado a partir da luta comum a favor do trabalho bem feito dos trabalhadores, que possibilita viver e agir na vida, no trabalho, com mais força, mais potência.

Observa-se que a metodologia da clínica da atividade, ao propor um método que coloque o trabalho em análise, em diálogo entre os pares, visa acionar a multidão no coletivo/nos trabalhadores entendendo a potência coletiva como força instituinte em que se cria novas normas. Cria-se direitos e normas nesse processo de fazer multidão que é estrutural, no qual as singularidades se adensam na multidão e se desenvolvem na singularidade, na diferença. É o esforço da união de todos que possibilita criar condições de conservação das potências singulares e da multidão por meio da cooperação. Uma prática política de cooperação dos corpos. A potência dos afetos multiplicando seus objetos e destinatários para outros afetos possíveis, na criação de outras e novas normas que defendam o trabalho bem feito e se afastem de tudo aquilo que nos destrua.

Verifica-se que algumas ações de trabalhadores são referendadas pelo coletivo e começam a fazer parte das regras de ofício a partir do momento que o coletivo entende ser potente para a proteção do trabalho bem feito. Apresentarei um exemplo disso a partir de uma oficina de fotos, realizada pelo grupo de pesquisa Nutras com os trabalhadores da limpeza urbana em Niterói. Numa das fotos tiradas, eles contaram sobre como lidaram com uma das dificuldades no trabalho criando um novo instrumento. Os trabalhadores relataram a dificuldade que tinham em subir e descer para catar o lixo, porque em alguns lugares o caminhão não consegue subir. A rua é muito íngreme. Então, eles começaram a usar lixos que viram na rua, como uma piscina de plástico, plástico de sofá/colchão, para colocar o lixo e puxar. E começaram a guardar esses “lixos” no caminhão para usar nesses momentos. Os trabalhadores afirmaram como o uso desse instrumento melhorou o trabalho e a saúde deles.

A clínica da atividade se baseia no conceito de afeto para desenvolver o conceito de atividade enunciando a importância de se analisar a vida em ato, ou como se diz em clínica da atividade, de analisar o trabalho situado. Ao afirmar que se têm mais direito quando se juntam forças com outros seres, verifica-se que o conceito de multidão na obra de Spinoza só é possível quando acionado no encontro com os outros.

Observa-se que tanto na clínica da atividade como na filosofia spinozista, há uma valorização, respectivamente, da atividade ou do afeto ativo, aí percebemos o porquê do

diálogo entre a clínica da atividade e a filosofia spinozista ter começado por aí. Sendo a partir da ação com os outros, dos afetos, que a multidão é constituída e por meio dela podemos enfrentar aquilo que nos ameaça.

Verifica-se um elogio de Spinoza à multidão, assim como na clínica da atividade, ao coletivo. Há um primado da vida coletiva ou da multidão na análise do funcionamento de uma sociedade ou das instituições. Esse primado nos permite também chegar a uma concepção de que a linguagem não é primeira, mas está constantemente atravessada pela variação afetiva.

Esse diálogo nos faz um convite ao tratar de uma concepção de clínica que crie condições para que o corpo da multidão se faça, que a multidão seja protagonista da vida. Vemos nesse convite um desafio de propor instrumentos que criem espaço de diálogo que, por sua vez, acionem a multidão nos coletivos de trabalho, para que se tenha autonomia e se faça valer os direitos e os valores dos trabalhadores. A multidão não transcende os indivíduos singulares que a compõem, mas os integra de maneira imanente pelo processo de auto constituição da organização democrática. Em suma, a prática da multidão se organiza para o desenvolvimento de potência de sua liberdade, ou seja, o coletivo que se organiza para o desenvolvimento do poder de agir e de sua autonomia. E é no regime democrático que se realiza a autonomia coletiva.

Recebido em 22/05/2023

Aprovado em 17/07/2023